



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 30 de outubro de 2011

A CRITICA sim & não	1
OPINIÃO	
A CRITICA Novidades da Yamaha	2
ECONOMIA	
A CRITICA Lançamento.....	3
ECONOMIA	
A CRITICA Um dia, Manaus já teve.....	4
ECONOMIA	
A CRITICA Sondagens da indústria referentes a outubro	5
ECONOMIA	
A CRITICA Há 40 anos na estrada.....	6
ECONOMIA	
A CRITICA Thomaz Nogueira	7
ECONOMIA	
A CRITICA Compra esquentada disputa	8
BEM VIVER	
DIÁRIO DO AMAZONAS Dever de casa atrasado	9
OPINIÃO	
DIÁRIO DO AMAZONAS Muito a fazer	10
ECONOMIA	
DIÁRIO DO AMAZONAS Quase metade dos desligados deixou emprego com seis meses	11
ECONOMIA	

sim & não

Se mexam! A mais de um parlamentar do Amazonas em Brasília a presidenta Dilma Roussef disse que é preciso negociar a PEC da Música, que prejudica a indústria de Manaus. A exemplo dos royalties do Rio e Espírito Santo, Dilma não quer entrar nessa bola dividida.

Coisa séria A Assembleia e a Câmara Municipal de Manaus poderiam aprender com a Câmara de Parintins, que nessa semana se negou a dar o título de cidadão parintinense ao levantador de toadas Sebastião Júnior, que é de Juruti (PA).

Plágio O deputado federal Carlos Souza (PSD) bisou o deputado estadual Francisco Souza e montou uma barraquinha na beira da ponte sobre o rio Negro para coletar

assinaturas para a construção de outra ponte, dessa vez sobre o rio Amazonas.

Retorno E por falar na ponte do Rio Negro, registre-se que no primeiro fim de semana dela em funcionamento já foi registrado problemas e confusões no entorno existente na cabeceira do outro lado.

Livre O deputado Adjuto Afonso (PP) pulou fogueira e escapou no Tribunal Superior Eleitoral de ter o mandato passado a lamina. Prestação de contas dele foram aprovadas.

Amigos, amigos Num clima bem amistoso, o ainda titular da Secretaria de Planejamento, Marcelo Lima Filho, e o futuro titular da pasta, Airton Claudino, estavam no

stand do órgão na FIAM.

MPE O prefeito Amazonino Mendes ligou para o procurador-chefe do Ministério Público, Francisco Cruz, para marcar uma audiência com ele e motoristas de ônibus executivo.

Risco A polícia precisa reforçar a segurança na Sete de Setembro, onde nos últimos meses mais de 10 estudantes do Ifam foram assaltados ao caminharem em direção a avenida Getúlio Vargas.

Boa Presente em todos os municípios do Estado e ainda contando com uma inédita agência fluvial, o Bradesco investirá pesado na melhoria dos serviços prestados aos funcionários e aposentados do Governo do Amazonas.

Novidades da Yamaha

Novidades da Yamaha

Revendedora da marca de motos japonesa Yamaha, a TvLar esteve representada na Feira Internacional da Amazônia (Fiam) pelo seu presidente, empresário José Azevedo, que aproveitou para experimentar o lançamento da empresa no evento. Da mais popular a mais potente cilindrada, o público pode conhecer o que a marca possui de mais recente em sua linha de produção em motocicletas fabricadas em Manaus.



Negócios na Fiam

O diretor-presidente da Essilor-Varilux, Jacques Hill, e o executivo da Alfa Centro de Treinamento Hapia de Fogo, Eduardo Maranhão, juntos na Feira Internacional da Amazônia (Fiam) costurando parceria na área da segurança do trabalho. A Alfa Serviços possui, hoje, o maior e mais moderno complexo de treinamento da Região Norte e a multinacional francesa tem uma das mais respeitáveis plantas do Polo Industrial de Manaus.

Lançamento

Refresco de guaraná com açaí



A Amacom e a Real Bebidas aproveitaram a Feira Internacional da Amazônia para lançar o refresco de guaraná com açaí e apresentar todo o seu portfólio no evento. A novidade movimentou o stand da empresa com sessões de degustação do novo

produto. A Real Bebidas acaba de estabelecer uma base em Santarém (PA) de onde vai atender 15 municípios de todo o Oeste paraense. Na foto: Celito Corso, da Thotepak, e os diretores da Real Bebidas, Gustavo Oliva e Marcos Ferrari.

Um dia, Manaus já teve...

Capital amazonense era procurada nas décadas de 70 e 80 por quem queria encontrar produtos importados com bom preço e qualidade. Alguns ficaram no imaginário local.

Pergunte a qualquer criança que cresceu em Manaus na década de 70 qual era o sinônimo de leite em pó na cidade e o resultado, na maioria dos casos, será "leite Samden".

O leite em pó enlatado dinamarquês importado pelas Casas do Óleo, empresa da família Assayag, era marca registrada do supermercado e batia de frente com o leite Ninho, muitas vezes até obrigando o concorrente a baixar os preços para se manter no mercado.

O leite sumiu das prateleiras para nunca mais voltar. Com ele, outros produtos alimentícios importados também sumiram do mapa do comércio manauara - ou são encontrados apenas em lojas especializadas, em pequenas quantidades e preços que já não são mais tão convidativos como os das décadas de 70 e 80, quando atraíam turistas em busca de guloseimas como as latas de biscoitos ingleses amanteigados.

"Eu acho que o que matou esse mercado foi, principalmente à burocracia. É muita papelada, muito teste, muita exigência para trazer um produto, principalmente alimentos, remédios e bebidas, o cara acaba desistindo", diz Gaitano Antonaccio, presidente da Associação Comercial do Amazonas (ACA).

Antonaccio é um dos que têm saudades dos biscoitos

FRASE

"Quando a Nestlé aumentava o preço, o Samden segurava, e com uma qualidade fantástica. Infelizmente alguns produtos, por mais que queiramos, não podem mais voltar pois não são mais fabricados"



RALPH ASSAYAG
Presidente da CDL-Manaus



Leite em pó dinamarquês Samden, importados pelo C.O., marcou época na capital amazonense

ALBUM



Biscoito

DA EUROPA

Os biscoitos ingleses em lata fizeram sucesso em Manaus e ainda podem ser encontrados em pequenas quantidades.

Chiclete

DOS EUA

As gomas de mascar em formato de bolinhas eram facilmente achadas nas lojas do aeroporto Eduardo Gomes



Tênis

DOS EUA E EUROPA

Com o tempo, as próprias fabricantes deixaram de produzir nas matrizes e optaram pela fabricação na Ásia.

amanteigados enlatados que eram vendidos no Bothline, supermercado trazido pelos ingleses ainda na época áurea da borracha e que só vendia produtos europeus.

"Acho que hoje o mundo mudou muito né, não é só a burocracia. Tudo hoje vem da China, bem mais barato, não creio que os bons tempos, das marcas boas e de qualidade retornem com eram", lamenta Antonaccio.

O presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Manaus (CDL-Manaus), concorda com a questão dos chineses. "O maior problema foi que em dado momento perdeu-se o foco na qualidade e focou-se no preço. O caso dos biscoitos ingleses por exemplo, os chineses começaram a fazer similares não tão saborosos, mas bem mais baratos", diz. Ele, porém, aposta que ainda há retorno para este mercado. "Ainda existe um público carente hoje que, quando viaja, vai atrás destes produtos. É possível que este mercado volte, mas para um público menor. Acredito que o novo shopping na Ponta Negra vai atender a este público", completa.

A era dos importados bons, bonitos e baratos, segundo o presidente da CDL, morreu com a abertura das importações, no governo do ex-presidente Collor. "Com a abertura, o que antes você só achava aqui passou a ficar disponível no Brasil inteiro, então a clientela do comerciante da Zona Franca passou a ser basicamente o mercado local, que não tem demanda que justifique a importação de grandes quantidades - e com a burocracia, pequenas quantidades não dão um lucro que compense", resume.

Sondagens da indústria referentes a outubro

A Sondagem Conjuntural da Indústria de Transformação é um levantamento mensal feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) que gera informações de natureza qualitativa que permitem: verificar o estado geral da economia e suas tendências; avaliar a situação por segmento; e ter indicações sobre o momento atual e tendências de curto prazo do setor industrial brasileiro, constituindo-se em subsídio para a tomada de decisões empresariais, análises econômicas nos meios acadêmico e de consultoria e formulação de políticas econômicas pelo Governo.

QUANDO: 31 DE OUTUBRO

INFORMAÇÕES: WWW.IBRE.FGV.BR

Há 40 anos na estrada

RX RaioX: Moto Honda



"Temos compromisso com o desenvolvimento sustentável das localidades onde atuamos"

MASASHIRO TAKEDAGAWA
Presidente da Honda South America

Aniversário

Em quatro décadas de operações no Brasil, a marca Honda tornou-se sinônimo de qualidade em locomoção sobre duas ou quatro rodas.

A Moto Honda - empresa que mais vende motocicletas no País, com market share de 79,1% - comemora em novembro 40 anos de operações no Brasil e 35 anos no Amazonas. E a celebração acontece em grande estilo na Casa Cor Amazonas, mostra de decoração e arquitetura que ocorre no Centro Cultural dos Povos da Amazônia.

Nesses quatro décadas, a trajetória da Honda se confunde com a própria história da indústria nacional de motocicletas. A fabricante japonesa tem a expectativa de superar, este ano, o volume de motocicletas vendidas em 2008, deixando para trás os efeitos da crise que abalou o mercado no final daquele ano.

Para o diretor institucional da empresa, Paulo Takeuchi, o País tem grande potencial para continuar sustentando o crescimento do mercado de duas rodas. "Esse ano, acreditamos que vamos chegar ao

volume talvez superior ao de 2008, que foi o melhor ano para o setor", disse o executivo.

Para celebrar seus 40 anos, a empresa lançou uma motocicleta comemorativa, a CB 300R edição limitada. Com poucas unidades produzidas, a procura tem sido grande nas concessionárias. Quem quiser, terá que reservar a sua.

HISTÓRIA

A história da empresa no Brasil teve início na década de 70, quando não existia praticamente mercado para motocicletas no País. Com a fundação da Honda Motor do Brasil, em 1971, cresceram a importação de motocicletas e, dois anos depois, de produtos de força.

O grande passo ocorreu em 1976, com o início da produção nacional. A planta de Manaus já produziu mais de 15 milhões de motocicletas desde 1976, quando a Honda se instalou na Zona Franca. Hoje, na Moto Honda da Amazônia (HDA) são produzi-

NÚMEROS

79,1

POR CENTO

A Honda é líder absoluta no mercado brasileiro de motocicletas, segundo a Abraciclo.

1,2

MILHÃO

Volume de motocicletas fabricadas pela Moto Honda de janeiro a setembro deste ano.



Para Takeuchi, setor de duas rodas ainda tem muito potencial para crescer no mercado brasileiro

dos motocicletas, quadriciclos, e motores estacionários.

Sob o controle da Moto Honda da Amazônia estão outras duas empresas, localizadas na mesma área: a Honda Componentes da Amazônia (HCA) e a Honda Tecnologia da Amazônia

Indústria e Comércio (HTA).

Em 1992, houve mais um avanço, com o início das importações de automóveis para o Brasil. A boa aceitação dos produtos resultou na inauguração, em 1997, da fábrica da Honda Automóveis do Brasil (HAB), na

cidade de Sumaré (SP), que, em 2011, superou o volume de 900 mil unidades produzidas.

O acesso aos produtos da marca é facilitado pela Honda Serviços Financeiros (HSF), que abrange o Consórcio Nacional Honda, o Banco Honda e a Corre-

tora de Seguros Honda LTDA. Com planos especiais para toda a linha de motocicletas e automóveis nacionais da empresa, a Divisão Financeira concretiza há 29 anos o sonho do veículo próprio a um número cada vez maior de pessoas.

Em 2011, a Honda recebeu o Prêmio Moto do Ano, da Revista Duas Rodas.

CRONOLOGIA

1971

Constituição da Honda Motor do Brasil LTDA., em São Paulo.

1976

Honda instala sua fábrica na Zona Franca de Manaus. Lançamento da CG 125.

1981

É criado o Consórcio Nacional Honda.

1992

A Honda atinge a marca de 1,5 milhão de motocicletas produzidas no Brasil.

1994

Lançamento no Brasil da motocicleta CG 125 Titan.

1999

Honda recebe a certificação ISO 14.001 por boas práticas ambientais em Manaus.

2011

Honda é a grande vencedora do "Prêmio Moto do Ano", da Revista Duas Rodas.

Thomaz Nogueira

Omar indica nome para a Suframa

O governador Omar Aziz confirmou, dia 26, na abertura da Feira Internacional da Amazônia, que nome indicado por ele para ocupar a Suframa é o do secretário executivo de Fazenda (Sefaz), Thomaz Nogueira. A sugestão já foi apresentada, para aprovação, à presidente Dilma Rousseff.

Compra esquenta disputa

A grande notícia da semana foi o anúncio da compra de 50% das ações da sueca Sony Ericsson Mobile Communications pela japonesa Sony Corporation. Avaliado em 1,05 bilhão de euros (US\$ 1,45 bilhão), o negócio permitirá que a Sony incorpore novas linhas de smartphones em seu portfólio, que já conta também com *tablets*, televisores e computadores pessoais, acirrando a disputa do setor com Apple e Samsung. A previsão é que o negócio seja concluído em janeiro do próximo ano.

Dever de casa atrasado

Editorial

Nesta semana, no aniversário de 342 anos de Manaus, a presidente da República, Dilma Rousseff, assinou Proposta de Emenda à Constituição (PEC) prorrogando por mais 50 anos a vigência da política de incentivos fiscais do Polo Industrial de Manaus (PIM), mas até quando o Estado continuará dependente, exclusivamente, da boa

vontade' do governo federal e da economia gerada pelo PIM?

Há 44 anos a economia do Amazonas gira em torno do parque fabril incentivado e nessas mais de quatro décadas, o Estado não conseguiu fortalecer o modelo de desenvolvimento econômico para que não seja dependente de tal política tributária, muito menos ter uma nova fonte econômica.

É preciso fazer o dever de casa. Com a nova prorrogação que se anuncia - a PEC tem que passar pelo crivo do Congresso Nacional -, os líderes políticos e empresariais locais têm uma nova chance de construir um alicerce econômico menos

...nessas mais de quatro décadas, o Estado não conseguiu fortalecer um modelo paralelo à indústria incentivada.

frágil para o Estado. E a primeira e mais importante lição é investir na produção de conhecimento e em tecnologia. Só assim o Polo Industrial de Manaus terá a chance de passar de um polo montador, em sua essência, para desenvolvedor de produtos manufaturados, inclusive com novos segmentos com a marca do

Analizando as últimas décadas...

o que mais parece é que o Estado do Amazonas peca pela acomodação...

conhecimento local, como a bioindústria.

O Estado tem investido nesta área, financiando pesquisas através da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), mas a pergunta que se faz é se tais recursos não deveriam ser centrados em algumas áreas do conhecimento, ligados às

vocações e potencialidades do Estado. Assim fez a Índia e, apesar da miséria dominar aproximadamente um terço da população dessa nação, há pelo menos uma década o país é um fenômeno em exportação de softwares (programas de computador).

Analizando as últimas décadas, em que o Amazonas não desenvolveu uma outra frente econômica além do PIM, o que mais parece é que o Estado peca pela acomodação, isto porque não faltam potencialidades regionais para serem desenvolvidas, como a petroquímica, a indústria da pesca, a bioindústria e o ecoturismo.

Muito a fazer



Arthur Virgílio
Diplomata
redacao@d24am.com

isboa – A presidente Dilma Rousseff anunciou, em Manaus, seu apoio à prorrogação, por 50 anos (até 2073), dos incentivos fiscais que amparam a Zona Franca. Trata-se de uma boa notícia, embora de pouco efeito, se certas providências não começarem, de pronto, a ser adotadas.

A primeira haveria de ser o compromisso de não mais agredir o nosso Polo Industrial, através de Medidas Provisórias, Decretos, Portarias. A MP

534 inviabilizou a produção de tablets no Amazonas. Antes, já havíamos perdido os modens. Portarias recentes do Ministério da Ciência e Tecnologia e do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior ameaçam o polo de celulares.

Concomitantemente, é preciso repactuar o modelo, envolvendo os governos, os parlamentares, os empresários, os trabalhadores, a comunidade científica. E partir, sem delongas, para o investimento em infraestrutura, inovação e formação de mão de obra.

Em razão da falência logística, estamos perdendo uma fábrica chinesa de motocicletas para Suape, em Recife. Os investidores fizeram as contas e concluíram ser mais viável operar seu empreendimento num porto adequado, perto da malha rodoviária e, vá lá!, ferroviária nacional,

A Medida Provisória 534 inviabilizou a produção de tablets no Amazonas. Antes, já havíamos perdido os modens.

próximo, igualmente, do fantástico mercado consumidor do Centro-Sul.

Se esses cálculos estiverem corretos, o polo de duas rodas do Distrito Industrial poderá ficar congelado ou, até, perder empresas para outros centros. A menos que a desvantagem logística seja amenizada com a estruturação aeroportuária, a preparação de hidrovias, a saída terrestre para o resto do País, a desburocratização, o investimento maciço em inovação e especialização da força de trabalho.

A prorrogação,

A prorrogação, enquanto medida isolada, não será capaz de deter a marcha descendente da Zona Franca de Manaus.

enquanto medida isolada, não será capaz de deter a marcha descendente da Zona Franca de Manaus. É urgente e inadiável, porém insuficiente para estancar a sangria.

Sou autor de uma PEC, aprovada no Senado e tramitando na Câmara, que prorroga o modelo por 10 anos (até 2033); de outra, que se encontra misteriosamente parada na Comissão de Justiça do Senado, propondo a prorrogação por meio século, e ainda de uma terceira emenda, estendendo os incentivos fiscais a todos os municípios da Região

Metropolitana. A presidente Dilma nem precisaria inventar instrumento novo para obter a prorrogação: bastaria não discriminar a ideia de um adversário e colocar o interesse público em primeiro lugar.

Parti para todas essas medidas legislativas por entender que a extensão temporal dos incentivos contribuirá para criar clima de mais segurança para as empresas que estão instaladas e para as que venham a se instalar no PIM. E sempre alertei que o ataque aos gargalos de infraestrutura e o investimento em inovação e qualificação de mão de obra seriam essenciais para que o parque industrial de Manaus sobrevivesse e mantivesse a perspectiva de futuro.

Não está certo, definitivamente, é com uma das mãos propor a necessária prorrogação e, com a outra, editar uma MP, como a que nos tirou os tablets.

Quase metade dos desligados deixou emprego com seis meses

TEXTO Daisy Melo
FOTO Jair Araújo

MANAUS

Em Manaus, 44,9% das pessoas desligadas do último emprego permaneceram menos de seis meses no cargo. Segundo especialistas em recursos humanos e representantes do comércio e da indústria, a grande oferta do mercado de trabalho tem motivado essa movimentação. O número de pedidos de desligamentos passou de 17,5% em 2009 para 25,1% no segundo trimestre de 2011, o último período pesquisado.

“O nível de tolerância de adaptação dos empregados é mínimo em Manaus, na Região Sul o tempo de permanência no emprego é maior tendo em vista que a recolocação no mercado não é tão fácil quanto aqui”, disse a presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos seção Amazonas (ABRH/AM), Elaine Jinkings. Para ela, a permanência no emprego depende do clima e do desafio apresentado pela empresa. “Essas pessoas que mudam constantemente são as que não encontraram a vocação e trabalham apenas para suprir as necessidades básicas e saem do emprego quando surge outra oportunidade”, avalia.

O presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas de Manaus (CDL), Ralph Assayag, informa que 30% dos funcionários do comércio ficam no emprego por um período de um a seis meses e 20% em torno de um ano. “Em momentos de crise, como ocorreu em 2009 na indústria, as pessoas fazem de tudo para segurar o emprego, não faltam nem chegam atrasados, mesmo que não seja o salário que desejam, mas a situação atual é diferente”, avalia.

O aumento da oferta de empregos em Manaus modificou esse cenário, que está com elevada rotatividade, segundo o dirigente. “A pessoa está ‘jogando’ vários currículos na rua, ela entra em um ganhando R\$ 800 e acaba mudando pouco tempo depois se oferecerem R\$ 860 ou se o emprego ficar mais próximo de casa”, comenta.

A situação do mercado está gerando, inclusive, uma disputa de funcionários entre comércio e indústria. “O empregado que a gente pega da faculdade e lapida, acaba sendo chamado para o Distrito, e ele vai por status, ganhando uma diferença de R\$ 50 a R\$ 100, acreditando que lá vai ter mais estabilidade”, afirma Assayag.

A abertura de mais um shopping na cidade pode ampliar a rotatividade, avalia o dirigente. “Com a necessidade de pessoal, pode ocorrer uma briga grande de um querer tirar funcionário do outro, já que não existe pessoal treinado suficiente”, disse.

Na indústria, o chamado “turn over”, a relação entre as admissões e pedidos de desligamentos é considerado elevado quando o índice supera 8%, avalia o presidente do Centro da Indústria do Estado do Amazonas (Cieam), Wilson Périco. Na Technicolor, onde atua como presidente, Périco afirma que o índice de rotatividade é de 2,5%, considerado normal. “Acima de 8% é preocupante, isso ocorre quando a empresa enfrenta algum problema, como salarial”.

Para o superintendente regional do Trabalho e Emprego, Dermilson Chagas, a rotatividade na indústria, comércio e serviços é grande. “Em cargos administrativos, o tempo de permanência é maior e isso tem a ver com treinamento, quem está em permanente reciclagem, tem mais chances de ser mantido na empresa”, afirma.